

Todos os anos, três milhões de meninas sofrem mutilação genital no mundo

(Último Segundo, 22/04/2015) O procedimento teria função sanitária - a mulher se tornaria mais limpa após o ato - e também atenderia a questões culturais: o clitóris é visto por sociedades patriarcais como a falsa representação do pênis e, portanto, competiria com a virilidade masculina. Na maioria dos casos, a mutilação da vagina veta à mulher o direito ao prazer sexual. De acordo com o Fundo das Nações Unidas para a Infância, o Unicef, a mutilação genital é realizada em cerca de 3 milhões de meninas e mulheres todos os anos e se concentra em 29 países entre o continente africano e o Oriente Médio.

Acesse a íntegra no Portal Compromisso e Atitude: [Todos os anos, três milhões de meninas sofrem mutilação genital no mundo \(Último Segundo, 22/04/2015\)](#)

O coletor menstrual está mudando a história das estudantes na África

(Correio Braziliense, 14/04/2015) Uma instituição está angariando doações para distribuir o copinho de silicone, entre meninas, para que elas não faltem a escola quando estão menstruadas e, assim, poderem terminar os estudos sem perder aula

Nos últimos meses, o coletor menstrual se espalhou entre jovens dos centros

urbanos como uma alternativa polêmica para os tradicionais absorventes. Para meninas vivendo em comunidades no interior da África, entretanto, o potinho de silicone vale a liberdade e autonomia.

No Quênia, por exemplo, o custo de um pacote de absorvente custa 75 KSH — aproximadamente 1 dólar. Pode parecer pouco, mas a renda diária de um trabalhador local é de 1,50 dólares. Por isso, muitas mulheres não podem comprar esse item básico de higiene. E acabam usando folhas, papel jornal, pedaços de pano e até lama. Obviamente esses métodos não são eficientes e também podem causar infecção.

Além de uma questão de saúde, o tratamento inadequado à menstruação prejudica a rotina no trabalho, escola e atividades diárias. O Instituto Global de Saúde da Universidade de Duke divulgou um estudo em que avalia que as estudantes do país perdiam uma média de 4,9 dias de aula por mês, por causa da menstruação. Isso significa 20% do ano escolar.

Por isso, o copinho está transformando a realidade local. O aparelho de baixo custo, dura dez anos e, conseqüentemente, não se tem um gasto mensal. Além disso, as meninas podem passar o dia com o aparelho e retirar apenas quando encontrar um ambiente adequado. Isso significa que elas não têm mais medo de vazamento e não sofrerem bullying dos colegas de classe.



A mudança de comportamento têm ajudado manter as alunas na sala de aula, permite que elas cresçam intelectualmente, aumenta a probabilidade de independência social e se de tornarem membros respeitados da sociedade. Por isso, a organização Femme Internacional está recolhendo doações para distribuir coletores menstruais para as meninas do Quênia.

A instituição cria, também, um ambiente seguro para as meninas perguntarem sobre questões femininas. Elas aprendem sobre anatomia, reprodução, higiene e menstruação. Para algumas estudantes, essa é a única oportunidade de conversar e conhecer sobre esses assuntos.

Os kit femininos são distribuídos após a participação no curso. São colocados

a disposição tudo que as meninas precisam para lidar com a menstruação de uma maneira saudável e efetiva. O principal produto é um coletor menstrual feito de silicone, mas também são colocados uma pequena toalha, uma barra de sabão, um porta-sabonete, um espelho e um pote para lavar.

O programa alcança meninas no ensino médio e a parceria é feita com escolas locais e centros comunitários. O conhecimento de saúde e higiene e o acesso a produtos adequados permite essas mulheres a controlarem o período menstrual sem a dependência nos outros.

Acesse no site de origem: [O coletor menstrual está mudando a história das estudantes na África \(Correio Braziliense, 14/04/2015\)](#)

Paradeiro desconhecido de 200 garotas raptadas na Nigéria

(El País, 12/04/2015) Membros do Boko Haram, na noite entre 14 e 15 de abril de 2014, entraram no Instituto de Chibok, noroeste da Nigéria, e sequestraram 275 jovens estudantes que se preparavam para os exames finais. Meia centena delas conseguiu escapar dos seus captores dias depois. As outras, um pouco mais de 200, continuam desaparecidas. O alto comissário da ONU para os Direitos Humanos, Zeid Ra'ad al Hussein, acredita que muitas delas podem ter sido assassinadas nas últimas semanas, tanto em Bama, onde foram encontrados dezenas de cadáveres jogados em poços, como em outros locais liberados há pouco tempo do controle de terroristas. “Alguns pais perderam a esperança de recuperá-las com vida. Aliás, se algumas conseguiram regressar um dia, não serão mais as mesmas”, assegura Ahmadu Jirgi, um funcionário local, que está em contato com as famílias.

Clique para assistir ao vídeo da matéria: [Paradeiro desconhecido de 200 garotas raptadas na Nigéria \(El País, 12/04/2015\)](#)

Calcula-se que o Boko Haram sequestrou aproximadamente 2.000 mulheres de todas as idades nos últimos anos, mas o caso das garotas comoveu o mundo por terem sido levadas tantas ao mesmo tempo e pela idade das vítimas. Por volta das 23:30, as estudantes, que se alojavam nos dormitórios do instituto, começaram a escutar disparos. Pouco depois, os terroristas chegaram ao centro que estava sendo protegido por um único segurança e foram carregando-as nos caminhões. Como não havia veículos suficientes, muitas tiveram que caminhar 15 quilômetros, sob a mira de fuzis, em direção ao bosque de Sambisa, onde o Boko Haram tem acampamentos.

De acordo com um relato de uma dezena de jovens que conseguiram escapar, recolhidos em um relatório elaborado pelo grupo Human Rights Watch, as adolescentes sofreram distintos tipos de abuso durante o cativeiro: trabalhos forçados e estupros. Muitas das garotas sequestradas em Chibok eram cristãs e foram obrigadas a se converter ao islamismo. Mas, como Abubakar Shekau, o líder do Boko Haram, advertiu em um vídeo, o destino da maioria era o casamento forçado, tanto em países próximos, Camarões ou Chad, quanto com os próprios terroristas, a quem também eram obrigadas a acompanhar, como cozinheiras ou transportadoras, nos ataques aos povos.

“Ninguém sabe exatamente onde estão. O governo disse que estavam em Gwoza, mas quando essa cidade foi tomada pelo Exército, não estavam. O rumor de que algumas foram assassinadas em Bama caiu como uma bomba nas famílias, mas não sabemos nada exatamente”, explica Jirgi.

Há um mês, o então presidente da Nigéria, Goodluck Jonathan, assegurou à emissora African Independent Television que as garotas estavam vivas, com o único argumento de que “quando os terroristas matam, mostram os cadáveres para nos intimidar. Então, estão vivas”.

No entanto, em 6 de abril, o alto comissário da ONU para os Direitos Humanos assegurava ao jornal nigeriano This Day que “nas últimas semanas chegaram cada vez mais notícias e provas de massacres e acreditamos que entre as vítimas podemos encontrar as garotas de Chibok”. No momento, não há nenhuma certeza.

O anúncio da possível morte das garotas está relacionado com os recentes

êxitos na luta contra o Boko Haram. Há um ano, era um grupo que parecia impossível de ser parado, em pleno processo de expansão do seu califado islâmico. Povo a povo, cidade após cidade, os terroristas haviam conseguido consolidar sua presença em uma ampla zona com limites difusos no noroeste do país, da onde o Exército nigeriano havia sido expulso. No entanto, hoje em dia, o grupo está em plena retirada depois da intervenção no conflito de Níger, Chad e Camarões, e da recuperação de umas seis regiões por parte do Exército nigeriano. Os terroristas queimam as casas e assassinam os cidadãos sempre que são expulsos de um povoado. E Shekau já advertiu que as garotas seriam mortas. “É a única maneira para os combatentes voltarem a vê-las, no Paraíso”, disse.

Acesse no site de origem: [Paradeiro desconhecido de 200 garotas raptadas na Nigéria \(El País, 12/04/2015\)](#)

Onu Mulheres se organiza para apoiar mulheres vítimas de Ebola

(Universidade Livre Feminista, 07/04/2015) Desde que se declarou o surto de Ebola na África Ocidental, em agosto de 2014, muitas organizações das Nações Unidas têm trabalhado em estreita colaboração para ajudar as pessoas afetadas. A ONU Mulheres tem facilitado iniciativas de mobilização e informação destinadas às mulheres, porque elas foram afetados de forma desproporcionalmente pela doença.

Para ajudar a parar a propagação do Ebola e mitigar seus efeitos, a ONU Mulheres está focada em apoiar a consciência e a defesa em questões relacionadas com a doença e suas dimensões de gênero, principalmente na Libéria e Serra Leoa, mas também com algumas iniciativas na Nigéria. No

Mali, a ONU Mulheres tomou medidas para implantar um epidemiologista com experiência de gênero para apoiar o centro de comando e da equipe de Governo. A nível regional, a ONU Mulheres está trabalhando com a União do Rio Mano e os países da região (Guiné, Libéria, Serra Leoa e Costa do Marfim) para aproveitar a liderança das mulheres e poder de mobilização social na disputa da epidemia.

Na Libéria e em Serra Leoa, as iniciativas são: trabalhar com estações de rádio locais e líderes tradicionais para aumentar a conscientização e prevenção; produção de materiais educativos para a formação de profissionais de saúde; apoio para que as meninas e os órfãos e os sobreviventes da doença não sejam estigmatizadas; esforços para garantir que as necessidades das mulheres sejam levadas em consideração em todos os aspectos da resposta humanitária da ONU; a prestação de subsídios financeiros; entre outros.

Acesse no site de origem: [Onu Mulheres se organiza para apoiar mulheres vítimas de Ebola \(Universidade Livre Feminista, 07/04/2015\)](#)

Boko Haram sequestra 500 mulheres e crianças no norte da Nigéria

(Agência EFE, 25/03/2015) O grupo jihadista Boko Haram sequestrou mais de 500 mulheres e crianças em Damasak, no estado de Borno, no norte da Nigéria, dias depois da cidade ser libertada por tropas do Chade e Níger, afirmaram nesta quarta-feira moradores locais. A violência de Boko Haram, que recentemente jurou lealdade ao Estado Islâmico (EI) e mantém sequestradas mais de 200 meninas há quase um ano, será um dos assuntos

que mais influirão no voto dos nigerianos nas eleições deste sábado.

Acesse a íntegra no Portal Compromisso e Atitude: [Boko Haram sequestra 500 mulheres e crianças no norte da Nigéria \(Agência EFE, 25/03/2015\)](#)

O estupro como tortura

(O Estado de S. Paulo, 27/02/2015) O governo sudanês rotineiramente exclui jornalistas da região de Darfur e restringe o acesso de trabalhadores humanitários, qualquer janela para a vida na região é limitada. O governo reduziu ao silêncio a missão de paz conjunta dos Estados Unidos e da União Africana com o fechamento do escritório de direitos humanos das Nações Unidas na capital, Cartum, obstruindo o trabalho da equipe que investigava as denúncias de abusos e pressionando a força de paz a se retirar. Para evitar a vigilância, o governo gastou milhões de dólares fornecidos pelo Catar para criar “aldeias modelos” onde procura assentar darfuris deslocados pela violência. A Human Rights Watch documentou recentemente um arrepiante incidente de estupro em massa em uma dessas aldeias, Tabit.

Acesse a íntegra no Portal Compromisso e Atitude: [O estupro como tortura \(O Estado de S. Paulo, 27/02/2015\)](#)

Bonecas inspiradas em rainhas

africanas viram febre e superam Barbie na Nigéria

(O Globo, 29/01/2015) Há mais de 50 anos, meninas do mundo todo sonham em ter uma Barbie. Na Nigéria, porém, a boneca americana encontra uma concorrência cada vez mais forte: são as Queens of Africa (Rainhas da África), uma linha de bonecas inspiradas em diferentes tribos africanas. A empresa responsável pelas bonecas foi criada há sete anos pelo empresário de 43 anos Taofick Okoya, após ele não encontrar no mercado uma boneca que tivesse a cor de pele da sua sobrinha.



Menina segura bonecas em propaganda da 'Queens of Africa', brinquedo que é febre na Nigéria (Foto: Reprodução/Facebook)

“Durante o processo (de pesquisa sobre o mercado) eu percebi questões sociais maiores, como baixa autoestima, o que me deu a paixão necessária para querer mudar a próxima geração. Foi uma jornada dura, mas eu gostei”, contou à “Elle” o empresário, que diz ter encontrado resistência de distribuidores por causa das cores e das roupas das bonecas.



Bonecas africanas superam Barbies na Nigéria (Foto: Reprodução)

De acordo com a Reuters, Okoya vende entre 6 mil e 9 mil bonecas por mês, por preços que variam entre 1,3 mil e 3,5 mil nairas cada (entre R\$ 18 e R\$ 48). O empresário estima controlar entre 10% e 15% do mercado na Nigéria, e já recebe encomendas online de países das Américas e da Europa, inclusive do Brasil.

Embora a Mattel, fabricante da Barbie, produza bonecas negras desde 1980, clientes ao redor do mundo têm elogiado as versões de Okoya por retratarem de forma mais abrangente a variedade de cores e traços da raça.

“Normalmente as bonecas negras são tão escuras, não compro porque não parecem comigo. Eu acho que se elas tivessem uma variedade de bonecas negras, com cores diferentes como as suas, seria melhor. Nenhuma pessoa negra tem a mesma cor que a outra: alguns tem pigmentos mais escuros, outros mais claros. Como várias afro-americanas, nunca encontrei uma boneca que se encaixasse comigo até hoje”, escreveu uma das clientes americanas.



Bonecas Queens of Africa (Foto: Reprodução)

Acesse o PDF: [Bonecas inspiradas em rainhas africanas viram febre e superam Barbie na Nigéria \(O Globo, 29/01/2015\)](#)

Livro Mulheres Negras Contam sua História promove resgate da memória

(Geledés, 23/01/2015) O Prêmio Mulheres Negras contam sua História é uma iniciativa de resgate do anonimato das mulheres negras, como sujeitos na construção da história do Brasil

Das negras vindas da África nos porões das naus portuguesas no XVI até o ano de 1850, quando o tráfico foi proibido. Elas estiveram na labuta das plantações canavieiras e posteriormente do café, nas alcovas e cozinhas das casas grandes.

Foram amas de leite, negras dos tabuleiros vendendo doces e comidas nas ruas, lavadeiras, lutadoras nas revoltas contra a escravidão e a opressão racista. Libertas, pobres e anônimas resistem, combatem a discriminação e estão presentes no rosto do povo pobre que habita este País, mas esquecidas pelos livros que contam nossa história.

Nos últimos cinquenta anos as lutas das mulheres negras se intensificaram e elas ampliaram sua presença no cenário político nacional; as organizações de mulheres negras fizeram uma interação entre a luta feminista e as questões raciais e fortaleceram os movimentos negros, permitindo a incorporação do racismo como uma variável das desigualdades, inclusive entre as mulheres.

Por sua vez, o Estado tem contribuído insistentemente com o fortalecimento de políticas públicas para a população negra e para a igualdade entre mulheres e homens, desde a criação da Secretaria Especial de Políticas para as Mulheres (SPM) e da Secretaria de Promoção da Igualdade Racial, da Presidência da República (SEPPIR), em 2003.

Um exemplo recente dos resultados da atuação destas Secretarias no avanço

das condições sociais das mulheres negras no país foi a articulação conjunta com os movimentos sociais, sindicatos de trabalhadoras domésticas e Congresso.

Nacional, no atendimento das demandas das trabalhadoras domésticas, categoria composta 95% de mulheres sendo que destas 61% são negras. Essa articulação garantiu a conquista da aprovação da PEC no 478/10 que ampliou os direitos das trabalhadoras domésticas, fazendo com que seu trabalho passe a ser realizado dentro dos padrões da dignidade humana.

Foi com muito orgulho que a Secretaria de Política das Mulheres lançou o edital público “Prêmio Mulheres Negras Contam sua História” que deu origem a este livro e expressa nosso compromisso com o enfrentamento ao racismo e ao sexismo. A iniciativa almejou contar as histórias das mulheres negras, para que elas pudessem resgatar a memória de suas antepassadas, descendentes e de suas próprias histórias de enfrentamento do racismo, da violência e a superação da discriminação.

Esta publicação, ao trazer os textos premiados, publiciza o pensamento produzido por mulheres negras a partir de suas experiências individuais e coletivas que expressam a vivência de desigualdades. E traz subsídios para a compreensão das desigualdades e para viabilizar a elaboração de políticas públicas específicas para o seu enfrentamento.

Agradecemos à Ministra Luiza Bairros pelo apoio da SEPPIR/ PR na realização do Prêmio Mulheres Negras Contam sua História, à equipe da SPM pelo trabalho para a sua concretização e à Comissão Julgadora por seu empenho na avaliação dos trabalhos. Agradecemos, em especial, as 521 mulheres que se dedicaram a inscrever um relato de suas vidas contribuindo para a construção de um caminho para uma sociedade mais justa e igualitária.

Eleonora Menicucci: Ministra de Estado Chefe da Secretaria de Políticas para as Mulheres da Presidência da República

Clique aqui para download do livro [Mulheres Negras Contam sua História](#)

Acesse no site de origem: [Mulheres Negras Contam sua História \(Geledés,](#)

[23/01/2015\)](#)

Líderes de religiões de matriz africana comentam a intolerância religiosa

(Portal Brasil, 21/01/2015) Dia Nacional de Combate à Intolerância Religiosa serve como reflexão e busca pela liberdade do culto religioso

Uma forma de preservar as tradições, idiomas, conhecimentos e valores dos primeiros negros africanos escravizados trazidos para o Brasil, as religiões de matriz africana foram incorporadas à cultura brasileira e se tornaram uma importante característica da identidade nacional. Entretanto, o racismo ainda tenta impedir o culto à ancestralidade negra tornando seus adeptos vítimas recorrentes do preconceito e da intolerância.

Leia mais: [No Dia de Combate à Intolerância Religiosa, líderes alertam sobre discriminação \(Agência Brasil, 21/01/2015\)](#)

Visando coibir outras atitudes discriminatórias e, como um ato em homenagem a Mãe Gilda, símbolo de um dos casos mais marcantes de preconceito religioso no país, em 2007 foi sancionada a Lei nº 11.635 que faz do 21 de janeiro o Dia Nacional de Combate à Intolerância Religiosa. A data, que é celebrada por todos os praticantes das religiões de matriz africana, serve ainda como reflexão e motivação na busca pela liberdade do culto religioso e combate ao racismo.

O limite da intolerância

Em outubro de 1999 o Brasil testemunhou um dos casos mais drásticos de preconceito contra os religiosos de matriz africana. O jornal Folha Universal

estampou em sua capa uma foto da Iyalorixá Gildásia dos Santos e Santos - a Mãe Gilda - trajada com roupas de sacerdotisa para ilustrar uma matéria cujo título era: “Macumbeiros charlatões lesam o bolso e a vida dos clientes”. A casa da Mãe Gilda foi invadida, seu marido foi agredido verbal e fisicamente, e seu Terreiro foi depredado por evangélicos. Mãe Gilda não suportou os ataques e, após enfartar, faleceu no dia 21 de janeiro de 2000.

Confira o que outras líderes religiosas falam sobre intolerância religiosa:

Jaciara

Sucessora de Mãe Gilda no Terreiro Axé Abassá de Ogum, Mãe Jaciara é taxativa quando expressa sua opinião. “O maior problema para mim como Yalorixá de um Terreiro de Candomblé é o preconceito que as pessoas tem pela história e imagem distorcida que tem a respeito ao candomblé. As pessoas relacionam a nossa religião a práticas de magias negras e cultos demoníacos. Não poderia estar mais longe da verdade”.

Makota Valdina

Makota Valdina Pinto, do Terreiro Tanuri Junsara, em Salvador/BA, defende o direito à crença religiosa assegurado pelo Artigo 5º, inciso 6º da Constituição Federal. “Não podemos falar de intolerância sem relacioná-la ao racismo praticado contra as religiões afro-brasileiras”.

Mãe Beata

Filha de Exu com Iemanjá, Mãe Beata de Yemanjá é descendente de africanos escravizados e defensora da ancestralidade africana. “Quando eu observo que alguém está levando a conversa para caminho da intolerância religiosa, eu uso o respeito e vivência para derrubá-lo. Precisamos estimular a consciência de que o Brasil é uma mistura de todas as raças e religiões”.

Mãe Stella

Mãe Stella de Oxóssi, Ialorixá do terreiro Ilê Axé Opó Afonjá, fundado em 1910 em São Gonçalo do Retiro-BA, afirma que sua luta é, e sempre será, pela igualdade de direitos: “Sigo esforçando-me para que a religião trazida

pelo povo africano ao Brasil seja devidamente respeitada”.

Acesse no site de origem: [Líderes de religiões de matriz africana comentam a intolerância religiosa \(Portal Brasil, 21/01/2015\)](#)

Moçambique aprova código penal que legaliza aborto

(Vermelho, 23/12/2014) Moçambique se tornou nesta semana o quarto país africano a legalizar o aborto. Isso porque o presidente Armando Guebuza promulgou na última quinta-feira (18) o novo código penal do país, que libera a interrupção voluntária de gravidez.

O aborto será permitido nas primeiras 12 semanas de gravidez e, no caso de estupro, por até 16 semanas. Quando a gravidez colocar em risco a vida da mulher ou no caso de má formação do feto, também poderá ser realizado o aborto, de acordo com a agência Lusa.

Segundo ONGs (Organizações Não-Governamentais) moçambicanas, 11% dos óbitos registrados durante a maternidade são causados pela tentativa de interrupção da gravidez em clínicas clandestinas.

A legislação atual, que considera legal a realização do aborto apenas em casos em que a vida da mulher ou sua saúde correm perigo, data do final do século 19, muito tempo antes de sua independência de Portugal, em 1975.

Os outros países que permitem o aborto terapêutico na África são Cabo Verde, África do Sul e Tunísia.

Acesse no site de origem: [Moçambique aprova código penal que legaliza aborto \(Vermelho, 23/12/2014\)](#)